

CAPA

BATINA



BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

- Instituição de Utilidade Pública -

Av. Almirante Reis, nº 256 - 1º Esq. - 1000 Lisboa • Telef. 849 45 65 • Fax 840 86 64

NR9 - 2ª Série - Abril/97

EDITORIAL

Cimentada a vivência da nossa Associação, primeiro em vinte e cinco anos como Delegação da Associação de Coimbra, depois em cinco anos caminhando por si própria na prossecução dos seus objectivos estatutários, alcançou-se o momento de lançar o germen da criação de um organismo superior que dite os princípios a que devam conformar-se tais objectivos e que venha a unir, no topo, as demais Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra já constituídas ou a constituir.

Assim o reza o parágrafo único da cláusula quinta dos nossos Estatutos e assim o entendeu a actual Direcção quando - aproveitando a iniciativa da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra de acolher como seus *sócios extraordinários* os antigos sócios efectivos da Associação Académica - propôs, em fins de Outubro de 1996, a esta Associação e a todas as Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra a criação de uma **Comissão Inter-Associações** que viabilize o escopo cimeiro da constituição de uma FEDERAÇÃO DOS ESTUDANTES DE COIMBRA !!!

Tal seria o resultado da harmonização das posições e contributos de cada uma das Associações quanto à sua configuração jurídica, objectivos, composição, sede, etc., a submeter à discussão e aprovação da competente "Assembleia Constituinte", (com a dignidade e representação que a **Força Académica** lhe emprestará !)

A sugestão que, na altura e para esse efeito, a nossa Associação fez de uma reunião conjunta - com a participação inquestionável do nosso Magnífico Reitor - encontrou o melhor e mais "maternal" dos ecos na A. A. E. C. em Coimbra, que de imediato deu o primeiro passo no sentido proposto, dinamizando a 1ª Reunião das Direcções das Associações dos Antigos Estudantes (de que a seguir se dá conta ao pormenor exigido).

É uma caminhada grandiosa em que todos querem participar, em salutar compita, procurando desde já alargar e fortalecer o intercâmbio cultural e a solidariedade académicos mesmo além-fronteiras.

E nada mais grato e mais justo que coroar este registo com o testemunho desse desiderato prestado pelos dois mais prestigiados membros dos órgãos sociais da nossa

Associação, o Presidente e o Vice-Presidente da Assembleia-Geral, Drs. Almeida Santos e Chichorro Rodrigues:

"Breve Mensagem à Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Cabo Verde

Caros Confrades:

Aproveito a deslocação a Cabo Verde do nosso colega Conselheiro Chichorro Rodrigues, destacado membro da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, para vos fazer chegar uma mensagem de saudação e solidariedade.

A existência em Cabo Verde de uma Associação homóloga da nossa enche-nos de orgulho e satisfação. Ela comprova o universalismo dos valores e dos sentimentos que nos ligam a Coimbra, nossa raiz cultural comum.

Quando, na qualidade de presidente da Assembleia da República, em breve visitar Cabo Verde, espero ter o prazer de poder contactar convosco.

De momento, só pretendo saudar-vos, agradecer-vos o facto de existirdes, enquanto Associação, e afirmar-vos o nosso vivo empenho numa recíproca cooperação entre as nossas famílias associativas, no quadro mais vasto da grande família dos ex-estudantes de Coimbra.

Espero que o Conselheiro Chichorro regresse com ideias concretas a esse respeito.

Podeis contar com a nossa total disponibilidade.

Abraços fraternos

O Presidente da Assembleia Geral da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa
António de Almeida Santos"

Deslocando-se a Cabo Verde, o Dr. Almeida Santos fez questão de juntar à sua solidariedade pessoal também a da Direcção, que não desperdiçou esta singular oportunidade de dar a notícia e "desafiar" a nossa congénere a entrar no "grande comboio académico em composição" que é a almejada Federação !

Fátima Lencastre

1ª REUNIÃO DAS DIRECÇÕES DAS ASSOCIAÇÕES DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA

- SÍNTESE -

Mereceu o melhor e mais rápido acolhimento da parte da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra a ideia/proposta da nossa Direcção no sentido de todas as Associações promoverem, em conjunto, a criação de uma **Comissão Inter-Associações** que elabore um documento-base definidor dos termos da constituição de uma eventual **Federação de Estudantes de Coimbra**, a submeter à discussão e apreciação das partes, e redija um projecto final a aprovar em Assembleia Constituinte.

Tanto assim que a nossa homóloga de Coimbra deu o primeiro passo para a concretização dessa ideia, dinamizando a 1ª Reunião das Direcções no Hotel D. Luis, em Coimbra, no passado dia 25 de Janeiro, com a representação das Associações de Braga, Porto, Coimbra, Lisboa e Madeira, sendo a de Lisboa representada pela Fátima Lencastre e pelo António Ribeiro.

Discutiram-se e decidiram-se os pontos constantes da *Agenda de Trabalhos*, como seguem:

1) Encontros Regulares das Direcções das A.A.E.C. no País

Por proposta de Lisboa, foi unanimemente deliberado que:

- os encontros entre Associações, através das respectivas Direcções, realizam-se semestralmente e a sua organização é rotativa entre as diversas Associações, devendo o local ser designado pela Associação organizadora, que suportará os encargos respectivos na parte logística; as restantes despesas serão suportadas por todas as Associações participantes;

- as datas dos futuros encontros serão acordadas entre as Associações, realizando-se o próximo Encontro em Braga, em 28 de Junho deste ano, com a organização a cargo da Associação daquela cidade.

2) Outras iniciativas comuns

Começou por tratar-se o tema “excursões anuais”, tendo-se deliberado, por unanimidade, que as Associações que pretenderem organizar passeios

anuais devem estabelecer contactos entre si, a fim de se fixarem itinerários não coincidentes, de modo a possibilitar alternativas para todos os associados das diversas Associações, em paridade de condições.

De seguida, foi decidido que as Associações comuniquem entre si a marcação das datas das festas e passeios que organizarem, com vista a evitar-se a sobreposição de datas, com os naturais prejuízos que daí podem resultar para os associados que queiram estar presentes (como aconteceu e foi por nós alertado na última Tomada da Bastilha, coincidente com o *Dia do Antigo Estudante em Coimbra*).

Por último, foram acordadas as seguintes datas de Festas a organizar no ano em curso:

- Assoc. de Coimbra	11 e 12 de Outubro
- Assoc. do Porto	8 ou 15 de Novembro
- Assoc. de Lisboa	22 de Novembro
- Assoc. de Braga	Maio, em dia a fixar
- Assoc. da Madeira	29 de Dezembro

3) Criação de um Boletim Informativo Comum às Associações

Foi deliberado que cada Associação mantenha a publicação do seu próprio boletim, isto sem prejuízo de poder vir a criar-se uma revista de âmbito cultural e, possivelmente, também informativo que seja comum a todas as Associações; esta última parte foi, no entanto, deixada para melhor ponderação e decisão num próximo Encontro.

4) O “Sócio Extraordinário” da Associação Académica de Coimbra

Foi igualmente deliberado, por unanimidade, deixar-se à iniciativa individual dos associados a inscrição como sócio extraordinário da A.A.C.

5) Criação de um Órgão Coordenador das A. A. E. C. no País

A discussão deste ponto foi iniciada pelo nosso Vogal da Direcção, António Ribeiro, que apresentou e defendeu a proposta apresentada por Lisboa e difundida pelos presentes, do seguinte teor:

“1. Breve apresentação

Aproveitando a iniciativa da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra de criar a figura de sócio extraordinário, em boa hora consagrada nos seus Estatutos, entende a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa ser o momento oportuno para, conjuntamente, criarmos as condições estruturais que aprofundem o salutar relacionamento entre antigos e actuais estudantes de Coimbra.

2. Criação da Comissão Executiva

A Direcção da AAECCL propõe:

- 1. A criação de uma Comissão inter-Associações, que deverá ser constituída por um membro da DG/AAC e de cada uma das Direcções das Associações de Antigos Estudantes de Coimbra.*
- 2. Esta comissão deverá ter como objectivos principais:*
 - elaborar um documento-base que defina os termos da criação de uma eventual Federação de Estudantes de Coimbra, que deverá congrega a AAC e as Associações de Antigos Estudantes;*
 - submeter aquele documento à discussão e apreciação por parte das diferentes Associações;*
 - coordenar a recolha de posições e contributos de cada Associação e compilá-los num documento que deverá ser sujeito à discussão e aprovação da “Assembleia Constituinte” da Federação.*

3. A Federação de Estudantes de Coimbra: natureza e objectivos

3.1. Razões para a sua criação

Para além da promoção do convívio e relacionamento entre as diferentes gerações de antigos e actuais estudantes de Coimbra, uma futura Federação deverá procurar constituir-se como um verdadeiro parceiro da Universidade de Coimbra e da sua Academia.

Com efeito, no momento actual, em que a competição crescente já invadiu o espaço universitário, desde o recrutamento de novos alunos até à sua colocação no mercado de trabalho, importa que a Universidade e os seus estudantes congreguem esforços no sentido de estruturar a melhor resposta a este candente problema.

Depois de alguns séculos de monopólio decretado no plano do ensino universitário português, Coimbra e a sua Universidade viriam a repartir a formação superior dos portugueses com as Escolas de Lisboa e Porto.

Mais recentemente, e com os investimentos efectuados no ensino superior, alargou-se de forma substancial a rede de Universidades e Institutos Politécnicos da responsabilidade do Estado. Por sua vez, a iniciativa privada, consciente das oportunidades resultantes da insuficiência de resposta das Instituições públicas, contribuiu decisivamente para o aumento significativo da oferta de cursos superiores em Portugal.

Este quadro, relativamente recente, veio a alterar radicalmente o papel de destaque de que usufruía Coimbra e a sua Universidade na formação dos quadros superiores portugueses.

À semelhança do que acontece em países mais desenvolvidos, as Universidades foram chamadas ao jogo da competição, regulado pela célebre lei da oferta e da procura. De facto, compete-se hoje pelo recrutamento dos melhores alunos, dos melhores docentes e pela colocação dos primeiros no mercado de trabalho. O desempenho dos seus licenciados e pós-graduados na Sociedade Civil constitui hoje a melhor medida da qualidade de formação de uma escola, estando o seu prestígio directamente associado a este facto.

É neste plano que as Associações de actuais e antigos estudantes jogam no presente um papel da maior relevância, pelo contributo decisivo que podem dar na defesa da boa imagem, prestígio e qualidade das suas Escolas.

A Universidade de Coimbra tem, ainda, uma situação de vantagem, na medida em que dispõe de uma prestigiada e influente Associação Académica e de Associações de Antigos Estudantes que se mantêm ligados por laços culturais e sociais que derivam da mesma matriz de formação.

Ora, dispondo de uma situação ímpar no panorama português, mal se compreenderia que os actuais e antigos estudantes de Coimbra não soubessem unir esforços de modo a, conjuntamente, darem uma contribuição determinante no reforço do prestígio e notoriedade nacional e internacional da sua vetusta Universidade.

Estamos, assim, persuadidos que a criação de uma Federação de Estudantes de Coimbra, em estreita

colaboração com a Universidade, poderá dar resultados frutuoso, com benefício para a Instituição e para os seus directos interessados, como sejam os seus actuais e antigos alunos, professores e colaboradores de outras categorias.

3.2. Sumário de objectivos

De modo a materializar estruturalmente os desígnios acima apresentados, e sem prejuízo de outros contributos mais valiosos, a AAECL propõe que uma futura Federação deverá pugnar por:

1) Propôr e promover a constituição de um Fórum Consultivo da Universidade, em estreita concordância e colaboração com os órgãos de gestão da mesma.

Este Fórum deverá ser organizado internamente por colégios sócio-profissionais, que possam, entre outras tarefas, aconselhar a Reitoria e o Senado Universitário, quer na criação de novos cursos, quer na reestruturação dos mesmos.

Com efeito, o conhecimento detido principalmente por antigos estudantes das necessidades e carências do mercado de trabalho nas diferentes valências de formação, poderá constituir um valor acrescentado significativo de grande utilidade para a Universidade, na adequação da formação que presta.

Outro aspecto da maior importância tem a ver com a colocação dos recém-licenciados, podendo este Fórum constituir um interface importante entre a Universidade e o mercado de trabalho.

2) Organizar um encontro anual de actuais e antigos Estudantes que, para além das manifestações culturais, académicas e desportivas, inclua um ciclo de conferências de relevante interesse para a sociedade civil, nos planos científico, cultural, social, político, económico, que traduza o contributo dos antigos e actuais estudantes de Coimbra.

3) A Federação deverá constituir-se como um parceiro social junto dos órgãos de Governo do País, pugnando pelo desenvolvimento de um Ensino universitário de qualidade em Portugal.”

Os representantes das Associações do Porto, de Coimbra e da Madeira defenderam que se deve, em primeiro lugar, tratar da organização institucionalizada das Associações dos Antigos Estudantes e, só depois disso, é que se fará a abordagem do relacionamento institucionalizado com a Associação Académica, pois os problemas dos actuais estudantes são diferentes dos objectivos das Associações dos Antigos Estudantes; acrescentou, no entanto, um dos representantes de Coimbra que os fins programados pela Associação de Lisboa poderão ser conseguidos sem o recurso à institucionalização com a Associação Académica, a qual muda de Direcção anualmente e isso dificulta, de certo modo, a continuidade de posições quanto a objectivos.

Encerrada a discussão desta matéria, foi, por unanimidade, deliberado que a proposta da Associação de Lisboa seja considerada uma base de trabalho para cada Associação fazer um projecto de organização institucionalizada entre as Associações dos Antigos Estudantes, abordando, designadamente, os objectivos, as formas de representação, uniformização estatutária, financiamento e sede.

Mais foi deliberado que, dentro de dois meses, deverão as Associações trocar entre si os seus projectos, para apreciação mútua, de modo a que o

assunto possa ser tratado com profundidade e eficiência no próximo Encontro, em Braga.

De sublinhar que o nosso Magnífico Reitor - que veio confraternizar e solidarizar-se connosco num excelente almoço que a Associação de Coimbra ofereceu a todos e, findo o qual, nos brindou com uma brilhante intervenção - foi o primeiro a referir a necessidade de as A.A.E.C. aprofundarem o seu relacionamento, criando uma instituição superior que as una, após o que deverão procurar a melhor forma para o relacionamento institucionalizado com a Associação Académica de Coimbra. Salientou depois a importância do papel da Universidade de Coimbra na vida do País e a desejável colaboração dos seus antigos estudantes como elementos por direito próprio, a ter assento no órgão consultivo a criar brevemente: o *Conselho Social da Universidade de Coimbra*.

Encerrada esta 1ª Reunião das A.A.E.C. - que decorreu num clima natural de comunhão de objectivos e de compreensão e respeito mútuos quanto às posições de cada qual - todas preparam neste passo o seu projecto, a apresentar e discutir na 2ª Reunião, em Braga, no próximo dia 28 de Junho.

A Direcção

Vº ANIVERSÁRIO DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

- No Instituto dos Altos Estudos Militares, no dia 8 de Março -

Os cinco anos de existência são sempre um marco especial para qualquer pessoa, singular ou colectiva.

E a nossa Associação comemorou-os em peso: o peso do número (146 convivas!) e o peso, ainda maior, da alegria que todos exprimiam! Tanto mais que, a seguir a um opíparo almoço, tivemos um Sarau completíssimo, em forma e conteúdo: a forma dada por uma “**mesa da presidência**” (cheia de pretensões académicas...), como esta foto ilustra:



e o conteúdo emprestado pela interessante palestra do José Carlos Vasconcelos sobre “*Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*”; pela participação da nossa jovem estudantina (agora mista) **Os Madre Christo**, com uns filhos lindíssimos, vejamos:



e pelos três Grupos de Fados, que deram solidariamente as mãos em torno do Francisco de Vasconcelos, enlutado pela recente perda de seu Filho, mas cuja grandeza de Alma sobrelevou a dor para nos acompanhar (e só não actuou devido ao atrazo na “programação” e ao aproximar da hora da Missa do 30º dia...).

No final de um delicioso *buffet*, aqui está o bolo de aniversário, monumental, que “chegou” também para os aniversariantes desse mês, duplamente felizes como as fotos ilustam:



Mas o mais credível testemunho é dado por esta missiva que a nossa querida Colega Manuela (notável presidente da Delegação em Lisboa da A.A.E.C. em Coimbra) dirigiu à actual Presidente da Direcção:

“Fátima, minha querida Amiga:

É com a maior alegria e satisfação que lhe escrevo, em resposta ao seu amável convite de participar no “Capa e Batina” a propósito da comemoração dos cinco anos desta nossa Associação.

*É-me particularmente grato - e já publicamente o declarei - ver que a Associação continua a ser a fiel depositária do **Espírito Académico de Coimbra**, a seguidora das suas tradições e mais, é também o cimento aglutinador da união de todas as demais Associações que sucessivamente se vão formando.*

Peço-lhe, primeiro, que estenda a todos os membros da Direcção as minhas melhores Saudações Académicas pela “Turma” que com tanto êxito atingiu os fins da criação da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, sucessora muito ilustre da antiga Delegação.

A reunião foi um encanto de convivência e bom repasto. As magníficas instalações de Pedrouços contribuem para o bom ambiente e o Sol, com a sua presença, também ajudou para que tudo fosse ainda mais caloroso.

Nada faltou na comemoração.

Para maior alegria, tivemos a companhia do nosso Vice-Dux Veteranorum, Dr. Manuel Sobral Torres, que, vindo expressamente de Esposende na hora própria e na sua maneira ímpar, nos deliciou com um discurso onde a Praxe, a Tradição, a Saudade e o muito que viveu como Estudante, Orfeonista e “Repúblico” estão estampados nas palavras que Ele e só Ele nos diz sobre Coimbra.

A conferência do Dr. José Carlos de Vasconcelos e a participação do Grupo de Fados completaram o êxito da Festa, porque foi na realidade uma Festa e isso se notava na expressão feliz de todos os participantes.

Por isso e mais uma vez lhe dou, a si Querida Fátima e a toda a Direcção, os meus muitos parabéns e com o maior respeito lhes peço para que continuem no caminho tão certo que traçaram e cumprem.

Com as melhores Saudações Académicas, um abraço a todos os membros da Direcção e para si um beijo da

Maria Manuela Alves da Costa”

DA PRIMEIRA FOLHA DA SEBENTA

por José Henrique Dias

O CALOIRO

Regressamos a estas banalidades, que toda a gente sabe mas nem sempre lembram, de algum modo ligadas a Coimbra e à sua vida académica. Não há encontro de antigos estudantes da nossa velha universidade em que, ao recordar-se os verdes anos, alguém não acabe por proclamar, gracejando, é certo: “no meu ano não houve caloiros”. Maneira ágil de escapar aos epítetos que se associam à caloirice, às práticas praxistas em que todos nós mais ou menos participámos, mas que, descontados alguns exageros, nunca atingiam aspectos de violência e mesmo extorsão que consta se passaram em algumas escolas de hoje, mingua-das de tradição e copiadoras da nossa, hiperbolizando aspectos negativos até aos limites do intolerável. Deixemos o viés morigerador, se bem que de início, pelos meados do séc. XIX, a praxe acaute-lava os costumes. Os mais velhos saíam com pal-matórias à procura dos novatos pelas casas de má nota, punindo-os e conduzindo-os a casa. E como nos conta o autor de **Outros Tempos ou Velharias de Coimbra**, quando o caloiro andava pelos 14 anos, quem apanhava nas unhas era a patroa:

“Nestes tempos (1854) costumavam os alunos do 4º ano jurídico ou, no impedimento destes e por delegação os do 3º ano, dividir-se em grupos de três ou quatro, e munidos cada um da sua palmatória, faziam rusgas nocturnas às casas suspeitas que abundavam nas vielas da cidade baixa, e se nelas encontravam algum caloiro ou novato, aplicavam-lhe meia dúzia de benéficas palmatoadas e os mandavam retirar, sob a cominação de maior casti-go se reincidissem. [...] e o que mais graça tinha era que se nalguma destas casas encontravam algum rapazote de 14 a 15 anos, apenas lhe puxavam as orelhas e quem apanhava as palmatoadas era a locatária” (A. O. CARDOSO FONSECA, ob. cit., pp.20-21).

Mas donde vem o termo caloiro? Informam os filólogos que vem do grego moderno *Kalógeros* “monge”, à letra “bom velho”. No seu ITENERÁRIO (Séc. XVI), Frei Pantaleão de Aveiro, cap. 14, pp. 68-69, diz que “Há dentro da Cidade hum Mosteyro muyto grande de *Caloiros*, tidos em grande veneração, porque como tais vivem em

Comunidade; assim mesmo os gregos chamaõ os seus religiosos *Caloiros*, que quer dizer homens bons & santos, porque calo na língua vulgar grega quer dizer bom & virtuoso...”

Da bondade e virtude a alimária foi o percurso que conhecemos. Porém revertido a perduráveis amizades que só a vida académica do nosso tempo podia permitir e que ainda nos junta, onde quer que passemos e nos reconheçamos como antigos estudantes de Coimbra. Lá vivemos e aprendemos a solidariedade fraterna que não se desgasta nas diferenças ideológicas ou outras. Que outro lugar gera amizades assim?

E de vitudes caloirais aí vai uma historieta do meu tempo.

Por meados dos anos 50 apareceu em Coimbra um rapaz vindo das áfrias, cujo nome me escapa, caloiro desembaraçado com arraiais ali pela Rua da Matemática. Frequentava Ciências, e um dia enfiou-se numa aula na Peneira. Aula de grego. Azougado, enquanto corria a perlenga do mestre, foi notado e chamado ao quadro. O rapaz não se desmanchou e lá foi.

- Escreva o presente do indicativo do verbo *Iyô* (desligar) - ordenou sua lentência. (Desculpem ir assim, mas faltam caracteres gregos). O caloiro, para quem o grego era chinês, ouviu *Ihuô*. De giz em punho, não se atrapalhou. Entre os risos abafados da audiência, pautou no quadro: - Eu Ihuo, tu Ihuas, ele Ihua, nós Ihuamos, vós Ihuais, eles Ihuam. Petrificado, o professor exclamou:

- Oh! Oh! O senhor de que curso é... Clássicas, Românicas...

- Eu sou de Ciências.

- De Ciências...

- E que está aqui a fazer?, retorquiu o prof. indignado.

- Vim ver estes materiais! - exclamou o caloiro, apontando o vasto friso das colegas que enchiam a sala.

Com a devida vénia, pela materialidade excessiva da expressão, saudamos a beleza das raparigas do nosso tempo, que nos iluminavam os fins das manhãs, no ritual da saída, ao desfilarem por entre a galeria escultórica da Avenida das Mamudas.

PASSEIO DE OUTONO

Indo nós, indo nós,
a caminho de VISEU

Que passeio admirável o que fizemos, nos dias 19 e 20 de Outubro, por terras de **Viseu, Termas de S. Pedro do Sul e Manhouce** !

No dia 19, pelas 8 horas, do sítio crónico - Cidade Universitária - partiram 2 autocarros com cerca de 90 participantes. Com uma breve paragem em Leiria, para tomar uma bica e para uma invasão à sanita das “necessidades” (não confundir com Palácio das Necessidades), seguimos em direcção à linda cidade de Viriato, Viseu de seu nome. Chegamos ali, dirigimo-nos para o Palácio dos Congressos onde nos esperava um espectacular almoço - “Matança do Porco” - que foi de fartar vilagem. Que grande banquete! Que o diga quem lá esteve.

Como ponto final e durante o período da digestão, fomos presenteados com canções do folclore da região interpretadas pelo *Grupo Cultural Azurara da Beira*, de que é responsável o Dr. Marques Marcelino, que a todos nos encantou com as suas vozes magníficas.



Grupo Cultural Azurara da Beira

Na parte da tarde, apresentámos cumprimentos ao Director do **Museu Grão Vasco**, que nos aguardava com o historiador e investigador Dr. Alexandre Alves, que gentilmente se puseram à nossa disposição para nos orientarem nas visitas ao Museu e à **Sé**. Todos ficámos deslumbrados não só pelo que vimos, mas também pela magnífica lição que nos foi dada pelos dois ilustres cicerones.

Com partida do Largo da Sé, fizemos seguidamente uma visita ao centro histórico da cidade e a outros locais de interesse paisagístico de que esta terra é tão rica.

Mas neste “mar de rosas”, um espinho: um dos autocarros teimou em ficar na cidade, fascinado, tal-



Parte do grupo nas escadas do Museu

vez, pelos seus encantos. Não quis partir nem por nada. Amou e ali se quedou, o que veio perturbar o esquema do nosso horário.

Foi preciso, no dia imediato, vir propositadamente de Lisboa um outro autocarro para o substituir. Esta avaria atrasou o nosso jantar, corrido à pressa, porque havia pressa em chegar aos Claustros do Museu, onde realizámos um **Sarau** dedicado a Hilário, esse ilustre fadista Coimbrão, visiense por nascimento.

A abrir o espectáculo, contámos com a colaboração da *Tuna Académica da Universidade Católica de Viseu*. Seguiu-se um espaço de poesia em que brilharam o Francisco Vasconcelos e a Maria da Conceição Campos (que veio de propósito de Guimarães para confraternizar com a malta, o que já sucedeu mais vezes).

A Serenata, que foi um dos momentos altos da noite, fechou o Sarau com chave de ouro.

A actuar tivemos o Grupo “*Serenata de Coimbra*” que contou com a participação do Francisco Vasconcelos (guitarra), do João Gomes (viola) e as vozes do Tito Costa Santos, José Henrique Dias, Alcindo Costa e Barros Ferreira, sendo muito ovacionado por todos os presentes.

Na hora do adeus, a assistência cantou connosco a *Balada da Despedida*.

Seguiu-se um repouso merecido nas belas instalações do Hotel Montebelo. Tudo belo, como bela foi a noite com sonhos belíssimos.

No dia seguinte, dia 20, toca a levantar para partirmos em direcção às Termas de S. Pedro do Sul, cuja estância termal tem como Director um antigo colega de Coimbra. Ali chegados, visitámos a nascente das águas, o local onde o nosso Primeiro (não

o Ministro Guterres, mas o rei D. Afonso Henriques) se banhava, e a povoação em si, toda ela linda e acolhedora.

Às 14 em ponto, no Hotel Vouga, todos ao ataque. Cabrito assado no forno, etc., etc., etc., repousando silenciosamente em travessas decoradas com tudo o que há de bom e melhor, fazendo-se acompanhar por um néctar de entontecer para quem dele abusasse, marcaram uma presença muito apreciada por todos que ali o aguardavam com um apetite devorador.

O ilustre Presidente da Câmara Municipal de S. Pedro do Sul, que por motivos oficiais não pôde estar connosco, teve a gentileza de oferecer a cada um de nós uma embalagem com 3 garrafas de branco do afamado vinho de Lafões.

Como o tempo conta e há ainda algo para contar, lá fomos nos dois autocarros, agora com mais peso, rumo à serra de Manhouce.

No alto da Igreja, nas escadinhas à nossa espera, o Grupo Cantares de Manhouce com a sua talentosa Isabel Silvestre que nos recebeu de braços abertos. Foram momentos de grande e emotiva confraternização. E como “Cantares, com cantares se pagam” o nosso grupo Serenata de Coimbra soube responder, condignamente, com seus fados e guitarradas, àqueles cantares maravilhosos, cantares estes que tinham como solista a voz inconfundível da nossa simpática anfitriã Isabel Silvestre. Ei-la:



A agradecer tão cativante recepção, o Gustavo Cerdeira escreveu estes versos que ele próprio leu:

*“Manhouce, que linda terra,
onde do alto da serra
a nossa vista
avista
paisagens invulgares.
Mas se hoje aqui viemos,
neste fim de tarde,
foi para ouvir
vossos cantares
e com um abraço unir*

*laços de amizade
que queremos construir.
Que as guitarras e os fados
dessa Coimbra fascinante,
a que estamos ligados
desde os tempos de estudante
e que aqui vos trazemos,
depois de aplaudir
vossos cantares
já pelo mundo espalhados
com arte e com talento,
saibam traduzir
o nosso agradecimento.
Que este momento,
momento alto,
mais alto que a vossa serra
em alegria e felicidade,
por nós
e por vós
seja sempre recordada
com uma grande Saudade.”*

E foi com muitos abraços e beijos, num adeus sentido, que regressámos a Lisboa, com paragem obrigatória em Coimbra pelo facto de a Direcção da nossa Associação ter que estar presente numa recepção oferecida pelos Colegas da nossa congénere daquela cidade.

Por essa razão, e também pelo adiantado da hora, com muita mágoa não nos foi possível aceitar o lanche que o grupo de Manhouce nos preparou extra-programa (e sem nos avisar...).

Como “não há rosas sem espinhos”, outro espinho nos veio encravar: os autocarros negaram-se a voltar para Lisboa. Ambos queriam farra. Era vê-los a acelerarem em sentido oposto ao “destino marcado” no itinerário. Só tardiamente deram conta do engano e, ao fim de muitas léguas, lá conseguiram arrepiar caminho para que tudo voltasse à normalidade...

Depois da tal paragem em Coimbra junto ao Astória, que ainda deu tempo a um breve piscar de olhos a esta cidade dos nossos encantos, chegámos finalmente a Lisboa e tudo numa boa.

Feito o inventário a este PASSEIO DE OUTONO, poderemos classificá-lo de muito bom, se considerarmos o ar PRIMAVERIL que se viu no rosto de cada um e as críticas positivas que se ouviram. A testemunhá-lo, ainda, está o livro de Reclamações da Associação que continua em branco. E oxalá que se mantenha sempre assim...

“TOMADA DA BASTILHA”

(Casino do Estoril - 23 de Novembro de 1996)

E, mais uma vez, o ritual da **Amizade** e da **Saudade!!!**

Com as capas negras esvoaçando, as fitas das cores do arco-íris, cabelos (?) branqueados, rugas indisfarçáveis, mas, por sobre tudo isto, uma alegria contagiante que tudo e todos irmanava.

E os “reencontros”!!!

Uns desde o último Jantar, outros desde a “Tomada da Bastilha” do ano passado, mas tantos que desde Coimbra aguardavam “aquele abraço”!

Mais uma “Tomada da Bastilha” no Casino Estoril.

O Programa apontava para o “Porto (ou Coimbra...) de Honra” pelas 19 horas, mas a essa hora já umas largas centenas de Antigos Estudantes faziam jus às bebidas e aos aperitivos no Jardim de Inverno do Casino. Era a hora do reencontro que a grande maioria não quer perder e que já é indispensável.

No foyer do Casino, uma pequena **Exposição** sobre o Augusto Hilário, organizada com a colaboração do Museu Académico de Coimbra, era objecto de curiosidade dos que iam chegando.

Depois, foi a entrada no Salão Nobre do Casino e a arrumação nas mesas, como de costume demorada.

O cardápio esteve aceitável e os convivas (se bem que o Jantar fosse apenas o pretexto) não deixaram os seus créditos por mãos alheias...

Espectacular o já tradicional “Vulcão”, sempre saudado com as primeiras palmas da noite. E o champanhe depressa desapareceu !!!

Pelas 22h00, começou o “Show Deles” (do Casino, claro!), este ano dedicado a Fernando Pessoa e denominado “*Lisboa em Pessoa*”.

Um bom espectáculo, apreciado e muito aplaudido por todos nós.

E, logo após um intervalo “técnico”, em que até se dançou, começou o **Show Nosso**.

Com imagens da nossa Coimbra projectadas num écran, pontuando um lindíssimo texto do Gustavo Cerdeira, dito pela Fátima Lencastre e pelo José Henrique Dias, deu-se início ao espectáculo.



Ela: - Ao Show do Casino...
LISBOA
EM PESSOA

Ele: - Responderemos com...
COIMBRA
EM LISBOA

Ela: - Por ser em Lisboa que vamos ver imagens de Coimbra

Ele: - Apenas algumas, mas em número quanto baste para...

Ele e Ela: - RECORDAR COIMBRA

Ela: - Essa Coimbra, sempre bela, sempre linda, a que estamos presos por uma saudade bem viva...

Ele: - A velha Universidade que é, por excelência, um mundo de cultura, um mundo de ciência.

Ela: - Teve, para nós, a maior importância na nossa formação.

Ele: - Dela recebemos a mais bela lição que nos marcou vida fora

Ela: - Razão por que nunca a esqueceremos

Ele e Ela: - Se somos o que somos a ela muito devemos

Ele: - Onze camisolas negras que, no campo, suavam e lutavam como gigantes...

Ela: - assim jogavam os estudantes com alma e coração fazendo da Académica uma equipa de eleição

Ele: - Tibério, Zé Maria Antunes, César Machado,

Portugal, Faustino, Octaviano,
Manuel da Costa, Alberto Gomes,
Arnaldo Carneiro, Nini, Pimenta,
e, ainda, Abreu, Peseta
e o treinador Albano Paulo.

Ela: - Nomes que pertenceram
à célebre equipa
que, com brio e com raça,
ganharam, numa final,
a 1ª TAÇA
DE PORTUGAL

Ele: - Nomes
que fizeram da Briosa
uma formação de escol,
ligados para sempre
à história do futebol

Ela: - NO BOTÂNICO...

Ele: - no PARQUE DE SANTA CRUZ... e não
só...

Ela: - Havia quem estudasse
e quem muito namorasse...

Ele: - Mas coitados
dos namorados
Os “Cocas”, como polícias,
andavam sempre a espreitá-los
p’ra caçá-los
nos beijos e nas carícias

Ela: - O PREGO
era uma constante
na vida do estudante...

Ele: - que andava sempre teso.
Agora não se anda sempre
mas por razão bem diferente...

Ela: - O Jaquim Pirata
à frente da Leitaria

Ele: - onde se comia
e bebia
como desalmados
e a despesa depois ia
para os livros dos Fiados
que ele traz debaixo do braço
tão bem guardados.

Ela: - E as SERENATAS ?

Ele: - Ele olhando para elas
que espreitavam às janelas
de corações fascinados
para ouvir vozes tão belas
cantar os mais lindos fados.

Ela: - As trupes...
um cabelo que se rapa
e o caloiro
nem com capa
escapa

Ele: - Nas fogueiras
do Calhabé, das Patelas,
baixinho um voz se ouvia:
-vá, malta, todos a elas...
E as donzelas
doidinhas por dançar
não tinham mais descanso,
agarravam-se a nós e nós a elas
p’ró esfreganço

Ela: - O PENEDO DA SAUDADE !...
São tantos versos, ai tantos,
gravados em pedra dura,
nas horas de desencantos
com sabor a amargura

Ele: - Em cada verso fluente,
p’lo coração inspirado,
a saudade está presente
a reviver o passado

Ela: - Se esta velha pedra ouvisse
o que rimos aos vint’anos,
ais d’amor, sonhos, enganos...
talvez que a rir se partisse*

Ele: - Mas se tivesse olhos e olhasse
os espectros que hoje somos,
tão mudados do que fomos...
talvez a pedra chorasse*

Ela: - Um momento alto
na vida do estudante
é a QUEIMA DAS FITAS

Ele: - Onde se queimam, também,
tantos sonhos e ilusões...

Ela: - Neste dia
a alegria
incendeia corações

Ele: - Pelas ruas da Baixa

o CORTEJO passa
são horas de entusiasmo,
de irreverência, de graça.

Ela: - Nos carros,
com as cores das Faculdades
eles e elas,
alegres, cheios de vida,
com as fitas a acenar
como que a fazer lembrar
o adeus da despedida...

Um belo poema do Gustavo Cerdeira, dito por
ele próprio, encerrou este momento de poesia e de
evocação da nossa eterna Coimbra:

*“Mondego, nas tuas águas
muitas lágrimas chorei
ao contar-te as minhas mágoas
quando Coimbra deixei.*

*A tantos sítios, a tantos,
disse adeus, dor tão sentida...
Coimbra dos meus encantos
foi tão triste a despedida!*

*Despedi-me do Penedo,
da velha Universidade,
o que fiz foi em segredo,
no segredo da saudade.*

*Na minha capa escondi
juras, promessas, desejos
e o calor que então senti
na verdade dos teus beijos.*

*Das muitas recordações
nem uma só foi esquecida
sonhos, amores, ilusões,
tanta poesia vivida.*

*Ó Coimbra do Choupal,
do Mondego - o fado o clama -
tu, Coimbra, és afinal
não só deles, mas de quem te ama.”*

Estava dado o mote, pois as palavras do Gustavo
diziam o que nós estávamos a sentir ao ver aquelas
imagens que nos eram tão familiares e desciam ao
fundo dos nossos corações.

A Presidente Fátima Lencastre usou então da
palavra, dizendo:

“Colegas, antigos estudantes de Coimbra que

*pela 2ª vez acorreram de Braga, do Porto, de Coim-
bra e de Faro para confraternizarem com a Asso-
ciação de Lisboa que vos saúda fraternamente e vos
dá as mais calorosas boas-vindas, desejando que
neste e noutros eventos académicos a vossa partici-
pação seja uma constante e até redobrada em núme-
ro! Para isso, registem já a data de 22 de Novembro
de 1997, a fim de evitar sobreposições sempre
penosas porque implicam a distribuição de
efectivos.*

*Esta comemoração - já todos se aperceberam
concerteza - tem também a enriquecê-la a presença
sempre desejada do nosso querido Presidente da
Assembleia Geral, Dr. Almeida Santos.*

*Presença remoçada, como vêem, a provar que
alia à sua conhecida fortaleza de ânimo uma rija
têmpera física-timbre, aliás, da gente beirã. Que o
digam os representantes da Casa das Beiras que
hoje temos aqui a honrar-nos. Características estas
que todos nós temos: uns por nascimento, outros
porque absorveram o **Espírito Coimbrão**, que
continua a manter-nos unidos, incondicionalmente
unidos, nos momentos felizes e nos momentos
adversos, porque alheios às turbulências que por
vezes nos agitam e à forma que cada um de nós tem
de reagir a essas turbulências ou até com elas con-
viver... Por isso é que o nosso Magnífico Reitor, ao
saber (apenas ontem) que a Inter-Tuna, no seu Fes-
tival Internacional de Tunas Académicas, o iria tor-
nar sócio honorário, apressou-se a convidar o
Presidente da Associação dos Antigos Estudantes
de Coimbra em Coimbra, Professor Anselmo Car-
valhas, a vir representá-lo na presidência desta co-
memoração, no lugar de honra que lhe é devido co-
mo mais alta individualidade académica. Pedido de
imediate aceite pelo Professor Carvalhas, que
mostrou ter quase o dom da ubiquidade, secundado
por outros colegas de Coimbra: durante o dia, esti-
veram em Coimbra no Dia do Antigo Estudante,
que se celebra também hoje e que deixaram ina-
cabado para responderem à nossa chamada. Igual
testemunho - e permitam-me que o sublinhe muito
especialmente - nos deu a Associação Académica
de Coimbra, com a presença dos seus jovens Pre-
sidente e Vice-Presidente, a Zita Henriques e o Rui
Mendes, sempre prontos a confraternizar connosco
e a solidarizarem-se em tudo, projectando até for-
mas de interligação com os Antigos Estudantes de
molde a estribar os seus sonhos de jovens e as suas
realizações futuras na experiência dos antigos.*

*A todos eles um bem-hajam muito, muito reco-
nhecido, na ilusão, (diga-se a verdade) de no fim
poderem dizer-nos: **valeu a pena o esforço!***

*E agora os agradecimentos igualmente especiais
e muito sinceros, primeiro para o Casino do Estoril,*

na pessoa do seu Administrador, Dr. Mário Assis Ferreira, sempre condescendente connosco e generoso no magnífico champanhe que nos ofereceu; e também ao seu inexcédível Director Comercial, o nosso colega Joaquim Couto, que sobrelevou dos muitos afazeres para acolher como ninguém a sua gente coimbrã; ao Museu Académico de Coimbra, que mais uma vez nos proporcionou a realização de uma **Exposição** dedicada ao **1º Centenário da Morte de Augusto Hilário**.

É pequenina, não sei se todos a viram à entrada do restaurante, mas suficientemente evocativa da grande e eterna figura do Fado de Coimbra.

Por fim - mas não no fim - a todos aqueles que contribuíram, dando o seu melhor, para a realização do Show Nosso, cuja programação tivemos que cronometrar até ao minuto, com prejuízo (nós sabemos) de outras intervenções igualmente meritórias, mas com a única intenção de não prolongar este Show para desoras, a fim de poder ser assistido - e porque não aplaudido? - por todos os que estão nesta sala.

A todos os que se encontram aqui hoje, de mãos dadas, e àqueles que estão connosco em espírito, em mensagens calorosas de solidariedade (e cito apenas alguns): a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra na Madeira e a Associação dos Antigos de Coimbra na Ilha Terceira, que não puderam comparecer neste ano por dificuldades logísticas de última hora; o Presidente do Tribunal Constitucional, Dr. Cardoso da Costa; o Procurador-Geral da República, Dr. Cunha Rodrigues; o Presidente do Tribunal de Contas, Dr. Alfredo de Sousa, o Costa Brás (não sei a patente, francamente, ele que me perdoe) Ah! Coronel Costa Brás! Quero agradecer ainda à Caixa Geral de Depósitos, na pessoa do seu administrador, Dr. José Manuel Pereira, as lindas e úteis carteiras que nos ofertou e que suscitaram logo esta irreverência académica: «o continente é bom; quando vem o conteúdo?!».

E para dar o exemplo de não alongarmos mais, para todos vão as mais sentidas e mais vivas Saudações Académicas.”

Depois, a “lenda viva” da nossa Académica que é o Tibério Antunes; o sempre elegante guardaredes da “Briosa de 1939”, fez a evocação do seu saudoso colega de equipa, o Rui Cunha, um atleta-estudante que o foi na globalidade da expressão, uma das figuras maiores do desporto académico de todos os tempos, como Homem, como Desportista e como Estudante. Mesmo os que o não conheceram respeitam o seu nome e a sua memória por ser, ainda hoje, uma referência obrigatória da Academia de Coimbra.

Disse o Tibério Antunes:

”São apenas 3 minutos que a nossa actual Direcção me facultou nesta sessão, tradicional e simbólica, dos faustos e evocação de grandes e ilustres académicos que alguma vez perpassaram pelas ruas e ruelas da Coimbra doutora e futrica de todos os tempos...”

Terei de ser muito breve, o que, se por um lado me desconsola, por outro me engrandece, ao selecionarem-me entre os poucos que, ainda vivos, foram comparsas uns, protagonistas outros, de assinaláveis eventos desportivos na década rica de trinta da nossa Associação Académica de Coimbra!

Que parece excepcional abona-a, não o facto de ter sido interpretado pelo maior e mais talentoso jogador militante da Briosa, a verdadeira jóia da Coroa do futebol de todos os tempos, ora desaparecido no verão passado na Ilha de São Miguel, onde se fixou nos últimos tempos como médico e empresário.

Que figura ímpar entre nós foi o Rui do meu tempo, vindo de Ovar aos 17 anos, imediatamente acolhido com alvoroço no primeiro time da Académica, onde havia de nos deliciar com o talento e saber de um eleito da bola !!! Ainda hoje trago comigo, imorredoiamente gravadas, as fintas, os dribblings e, para além de tudo o mais, o poderoso shot que o seu corpo franzino arrancava, em tempo chuvoso e enlameado, no saudoso Campo de Sta. Cruz. Que golos! Que hino à beleza e à estética ele interpretava tanta vez naquele, e em outros, palcos desportivos !

Quem teve a felicidade de viver essa época recuada coloca o Rui, por direito próprio, na galeria das nossas relíquias, ao lado dos que, mais tarde, foram os Pelés, os Eusébios, os Maradonas e poucos mais !

Foram, de facto, os anos trinta iniciados pela batuta de Rui Cunha e culminados na vitória da primeira Taça de Portugal!

Deixei-me, neste momento, parafrasear o pensamento dum destacado intelectual e escritor, também ele nosso companheiro Coimbrão - Virgílio Ferreira - que num dos seus volumes recentes da colectânea - “Conta Corrente” - comparava essa era, vivida em Coimbra nos anos trinta, com saudável exagero e humor à epopeia dos Descobrimientos. Fica apenas a ideia de que ambas foram grandes e quiçá únicas, em Coimbra como no País, marcadas indelevelmente com graça no historial da nossa vida colectiva !

Queridos amigos e companheiros !

Poderá ser jactância minha dizê-lo aqui e agora, a propósito do passamento desse valoroso desportista universitário e Coimbrão que foi o Rui da

Académica, meu companheiro nas lides desportivas, algumas das quais sinalizadas vitoriosamente com o virtuosismo das suas singulares exibições!

E assim foi de excepcional o seu comportamento em campo, naquele tempo de atávico esquecimento, alcançando-se à Seleção Nacional!

Foi grande, sim, foi quicá o maior de todos nós, praticantes desportivos da Briosa!

Para ti, Rui, que sempre foste por feito recolhido, humilde e avesso à ostentação, vai, nesta derradeira homenagem que te prestamos, o sentimento da recordação e da saudade na evocação da tua Alma eleita!"

Obrigado, Tibério, pela magistral evocação do companheiro e do amigo que nunca será demais dar a conhecer às gerações vindouras.

Seguiu-se a entrega do Prémio anual, concedido pela nossa Associação ao aluno formado com a nota mais elevada da sua Faculdade no ano lectivo findo.

No ano lectivo de 1995/96, foi escolhida a Faculdade de Engenharia, sendo premiada a Eng. Joana Pina Cabral Matos Dias, licenciada em Engenharia Informática, com a classificação de 19 valores!!! Fez a entrega do Prémio o vice-presidente da Direcção Fernando Paula.

O momento alto da noite estava a chegar.

O António de Almeida Santos, Presidente da Assembleia Geral da nossa Associação (por sinal também Presidente da Assembleia da República!) usou da palavra para evocar e homenagear o nosso saudoso **António Bernardino**, o querido "**Berna**" que, pela primeira vez em largos anos, não podia estar presente na "Tomada da Bastilha".

Disse o Almeida Santos:

"Querida Maria Eugénia; querida Fátima Lencastré e demais elementos da Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra; ilustre representante do Magnífico Reitor e meu querido colega do Orfeon Académico de Coimbra; meu caro Tibério Antunes, meu ídolo de toda uma vida; queridos Amigos:

Recuso-me a fazer a evocação do António Bernardino, porque tenho perfeita consciência de que em nenhum espectáculo da Tomada da Bastilha ele esteve mais presente e mais connosco do que está neste momento. Pediram-me para ser breve e eu vou ser. Poderia resumir tudo dizendo que o António Bernardino foi um perfeito cidadão, um ser humano de alma límpida, clara e nobre, que teve um coração de ouro e que foi sobretudo um extraordinário artista. E tenho consciência de que perco a grande oportunidade de usar aqui o ponto final mais eloquente de toda a minha vida. Mas

direi pouco mais. Direi que o António Bernardino atravessou a vida a encantar o seu semelhante. Tinha da amizade um conceito muito elevado. Era naturalmente amigo dos seus amigos e os amigos sabiam que a amizade dele era uma amizade leal, avessa a toda a hipocrisia, avessa a tudo o que não fosse genuinamente verdadeiro.

O Bernardino veio da sua aldeia natal e manteve-se sempre fiel às raízes rurais que eram as dele. Nisto vai, naturalmente, um elogio de quem também cultiva as raízes do ruralismo. O Bernardino ajudou o Pai nas tarefas agrícolas, ajudou-o porventura a recolher o sargaço que aduba as suas terras, e nunca tentou esquecer essa origem humilde. Ele foi humilde e simples em toda a sua vida.

Falar do António Bernardino como ser humano é dizer que ele tinha um coração de ouro e uma alma nobre, repito. Dizer que ele repelia toda a hipocrisia e toda a dissimulação, que era frontal, directo, às vezes rude, que era capaz de ser provocatório, no bom sentido, para provocar uma reacção de quem resistia a entrar na liça de uma discussão com ele. Porque o António Bernardino era um homem de ideias e de convicções, não se limitava a amar o seu semelhante, esforçava-se por transformá-lo e fazê-lo melhor.

Já não o conheci em Coimbra. Em Coimbra privei com outros cantores famosos. São do meu tempo o Camacho, meu querido e grande amigo, o Alexandre Herculano, o Anarolino Fernandes, o Napoleão Amorim, outros ainda.

Mas antes de partir, pude receber no meu quarto de estudante a estrela mais brilhante do fado de Coimbra: o Luís Góis. Que foi prestar provas de ser ou não capaz de fazer figura na Serenata seguinte da Emissora Nacional dessa época. Foi aprovado com distinção e, depois de o ouvir cantar, eu disse-lhe: «O menino tem a voz mais bonita depois do Armando Góis.», que foi sempre o meu preferido. Disse-me ele: «O Armando Góis foi meu tio», «Pois bem, o menino tem a voz mais bonita depois do Senhor seu tio». Todos sois testemunhas de que a minha premunição foi correcta e foi verdadeira.

Tive muita pena de não ter podido conviver em Coimbra com o António Bernardino. Mas ainda o conheci e ainda o acompanhei naquela fase em que ele cantava o fado clássico, que também começou por ser cantado pelo Zeca Afonso.

Onde é que eu conheci o António Bernardino?

Em Lourenço Marques. Foi lá ter connosco. A profissão levou-o até lá, e foi lá que ele conheceu a Geni, foi lá que casaram, tiveram a filha Vanessa que era o seu enlevo e o seu encanto.

E a Geni - a quem eu quero beijar as mãos - garantiu sempre ao Berna uma rectaguarda de

teve sempre a compreensão de que ele precisava de amor, porque ele também dava muito amor. E que ele, de vez em quando, precisava de umas fugas para esvoaçar de novo nos céus da boémia. Compreendeu isso. E essa terapêutica psicológica fez sempre muito bem ao António Bernardino.

Ouvi-o cantar pela primeira vez na Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, uma Associação também importante e poderosa, tão poderosa que construiu uma sede que veio a ser depois a residência do futuro Presidente da República Samora Machel. Acompanhei-o à guitarra muitas vezes, aprendi com ele algumas canções, aquelas belíssimas canções que ele seleccionava para cantar, porque ele não cantava qualquer canção, não cantava qualquer fado. O António Bernardino exigia que o fado ou a canção por ele cantados tivessem dentro de si uma mensagem, tivessem dentro de si algo mais que a pura melodia, tivessem dentro de si a capacidade de transformar as coisas e as pessoas. Ele fez parte da época famosa dos baladeiros, quando o Zeca Afonso entendeu que o velho fado clássico, com a sua beleza, constituindo no fundo a mais bela canção de amor do folclore português, já não chegava numa época em que as justiças precisavam de uma resposta e precisavam de um combate. É então nessa época que eles metem dentro da canção de Coimbra, sem perda da sua ideologia, os melhores poemas dos poetas mais inspirados, dos poetas resistentes como o Manuel Alegre, o Miguel Torga e muitos outros, exigindo que as canções fossem mais do que uma simples melodia e um simples poema, o mais melódico possível.

Essas baladas abalaram as estruturas do regime de então, foram muito incómodas para muito responsável político e ajudaram a construir o futuro que hoje nós estamos a viver.

Mas, para poder interpretar as canções que ele cantava e seleccionava, como ele e só ele sabia cantá-las, com a sua voz de barítono bem timbrada, mas tão ampla e tão flexível, para o poder fazer com a sensibilidade com que vivia e cantava cada canção, era preciso, repito, ter dentro de si próprio a beleza que impunha, a beleza que transferia para as suas interpretações. Raros cantores de Coimbra interpretaram com tanta sensibilidade as mais belas canções do folclore coimbrão.

Aqui mesmo nos encantou muitas vezes e, como na fase final já estava na fase das canções e a minha voz também vai mais para a canção do que para o fado clássico, tínhamos um programinha a dois, acompanhados em regra pelo Durval Moreirinhas, que está ali predisposto a acompanhar-me uma vez mais, e procurávamos que aquilo que cantávamos tivesse um sentido além de ter a beleza

que normalmente tinha. Eu imitava-o, mas fui sempre um péssimo imitador do nosso querido António Bernardino.

O facto de o Presidente da República Mário Soares ter acabado por agraciá-lo, dando-lhe a Comenda do Infante D. Henrique, não é senão a amortização da dívida enorme que o País tinha contraído para com ele. Porque ele foi não só um intérprete extraordinário, um artista, mas foi também um perfeito embaixador da canção portuguesa, da canção de Coimbra em dezenas de países onde foi cantar, para que o estrangeiro conhecesse as peças mais belas do nosso folclore coimbrão.

Queridos amigos: prometi ser breve e vou ser. Queria dizer-vos o seguinte: eu não sei se há céu; se houver, tenho a certeza de que o António Bernardino está lá, sentado numa nuvem junto com o Adriano Correia de Oliveira e o Zeca Afonso, acompanhados pelo António Portugal a cantar para os Querubins **“Coimbra tem mais encanto”**.

Imagino os pequerruchos a perguntar-lhes: **«Coimbra! O que é?»** e eles: **«É um outro céu na Terra.»** **«E há lá anjos?»** e eles modestos:

«Nós bem tentámos, mas não sabemos se conseguimos.»

Se conseguiram, queridos amigos, se conseguiram...!”



Almeida Santos na Evocação ao Bernardino

Ainda as últimas palavras do Almeida Santos ecoavam no Salão Nobre do Casino Estoril e já rompiam os sons vibrantes da guitarra do Octávio Sérgio e da viola do Durval Moreirinhas, acompanhantes diletos e irmãos do coração do “Berna”, em tantos espectáculos pelo mundo fora e que, com sentida emoção, evocaram, à sua maneira, o saudoso companheiro.

Cantaram-se, então, algumas das Baladas mais queridas do “Berna”: o Almeida Santos cantou a “Canção com Lágrimas”; o Arménio Marques dos Santos a balada “Flores para Coimbra”; e o José Henrique Dias a Balada “Lutaremos, meu Amor”.

Logo de seguida começou a Serenata que, como

anunciado, foi toda ela de homenagem ao “Berna”.

Actuou a “*Tertúlia Académica Torre d’Anto*”, com Alexandre Bateiras à guitarra e José Tito Mackay à viola, que interpretou “*Maio de 78*”, “*Canção da Primavera*” e “*Balada de Coimbra*”. Cantaram “Tito” Costa Santos (“*Canto de Imigração*”), Subtil Roque (“*Canção Pagã*”), Augusto Camacho (“*Coimbra já sem idade*”) e Luís Goes (“*Réquiem pelos meus Irmãos*”).

Em fim de festa, tivemos a alegria transbordante dos “*Madre Cristo*”. A “nossa estudantina” foi uma grande e agradável surpresa para a grande maioria dos presentes, que não esperavam a actuação dos mais jovens da nossa Associação e que, neste momento, são já uma realidade efectiva e actuante. Bem vindos e tragam muitos mais! Esperamos e

desejamos que sejam, cada vez mais, uma voz audível na nossa Associação e nas suas iniciativas.

Assim terminou mais uma gloriosa “Tomada da Bastilha”, desta vez muito mais cedo que nos anos anteriores, não porque o Programa não fosse extenso, mas porque os intervenientes cumpriram os seus tempos de actuação com rigor, não tendo havido tempos mortos, mantendo-se o Salão com a assistência interessada e interveniente até ao final.

Está, pois, de Parabéns a nossa Direcção, que tão bem organizou e dirigiu esta noite memorável de grande confraternização dos Antigos Estudantes de Coimbra.

Lisboa, Novembro de 1996
Tito Costa Santos

DOIS MESES DEPOIS

**Bruscamente,
ergueu-se-me nas mãos a tua ausência;
no mesmo de repente
que te deixou sem riso e sem idade:**

**- agora, sei com quanta violência
se pode construir uma saudade!**

Francisco Vasconcelos

UM ABRAÇO PARA O FRANCISCO VASCONCELOS

A tarde caminhava para o fim. Tocou o telefone e do outro lado a voz do Francisco, trespassada de dor, dizia-me que acabara de perder o Luis. Já não sei o que nos dissémos. Partilhámos as lágrimas e a raiva. E eu lá me encarreguei de partir o coração a todos os companheiros e amigos de quem me fui lembrando, e cada um lá foi passando a notícia. Todos nós, do *Grupo Serenata de Coimbra*, conhecíamos o Luís quase de menino. Quando entrou na Faculdade de Ciências Médicas, passou o grupo a participar todos os anos na festa de recepção ao ca-loiro. O Luis fez-se médico, foi à vida profissional, e o Grupo lá vai todos os anos, já lhe perdi a conta.

O Luis deixou-nos quando corria a cumprir uma missão profissional. Ainda tão jovem, menino de sua Mãe, um coração de uma generosidade inextinguível (bem patente nas lágrimas de gente humilde da Amadora a quem graciosamente medicava) pregou-lhe a partida. Diz-se que os deuses fazem destas aos eleitos.

Mas o Francisco reservou-nos uma lição. Sempre

presente no amparo à nora e aos netos, ferido que nos doía vê-lo com olhos de bálsamo nos olhos da Mina, quis que todos os compromissos que o *Grupo* tinha assumido fossem cumpridos. Poucos dias depois estávamos num palco em espectáculo de beneficência, e a Fátima Lencastre lá foi uma vez mais com a solidariedade da Associação.



No dia do aniversário da Associação, o Francisco esteve até ao limite do tempo, saindo para a missa de sufrágio, sem poder actuar. Nós lá nos repartimos pelos outros grupos, e corremos para a Igreja da Amadora. Dali saímos para o Montijo, respondendo a um compromisso há muito assumido. Não sei se a guitarra do Francisco soou de outra maneira ou fomos nós que assim ouvimos. Não sei se os poemas se vestiram de outras substâncias ou fomos nós que assim os colhemos da voz do Francisco.

Sei, isso sim, que entre o pudor e uma sensibilidade raros, o nosso Francisco encontrou na música de Coimbra uma outra maneira de ter presente o filho.

Aqui lhe deixo a minha homenagem, na trança de corações e braços que tecemos, partilhando a sua dor e a dor da Mina e de todos os seus.

José Henrique Dias

“ENVELHECIMENTO HUMANO...A NOSSA RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E COLECTIVA”

Seminário Internacional em Lisboa (12 a 15 de Fevereiro 1997)

por Murta Rebelo

1. Este Seminário, promovido pelo *Centro de Estudos e Formação Permanente*, foi programado com o apoio da *Caritas Portuguesa* e também em colaboração com iniciativas similares de todos os Países da Comunidade Europeia.

Estas Jornadas de debate de ideias realizaram-se no grande Auditório do Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos. Outras instituições patrocinaram também esta iniciativa, que teve a participação activa de um número elevado de especialistas portugueses e estrangeiros e de muitas outras pessoas interessadas na temática “ENVELHECIMENTO E QUALIDADE DE VIDA” que tanto preocupa a comunidade neste final de século.

Participaram também os nossos associados Dr^a Maria de Fátima de Lencastre, Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, Maria Fernanda Godinho Esteves, Drs. João Maria Alves Rodrigues e Murta Rebelo.

A informação recolhida poderá ajudar todos os associados a reflectirem de forma mais atenta sobre o projecto de criação da *Casa de Repouso* que tem vindo a merecer da nossa Direcção o mais vivo empenhamento.

2. No decorrer do Seminário foram abordados DOIS GRANDES TEMAS:

2.1. “Vida com Projecto ao Longo de Toda a Vida”

No âmbito deste primeiro tema foram apresentadas diversas comunicações que analisaram dois aspectos fundamentais:

- Processo de envelhecimento
- Velhice - Etapa da Vida

2.2. “Envelhecimento e Capacitação”

A análise deste segundo tema foi feita segundo duas perspectivas:

- Formação para a Capacitação - realização de Trabalhos de Grupo (diferentes línguas).
- Perspectivas de Capacitação das Pessoas Idosas nos Países da Comunidade Europeia.
- Portugal / Lisboa - Atitudes e metodologia
- Alemanha - Partilha de Poder
- Bélgica - Formar para a Capacitação

- Portugal / Madeira - Responsabilização das Pessoas Idosas
- Bélgica - Repercussão
- Reino Unido - Igualdade de Oportunidades
- Itália - Custo / benefício
- França - Avaliação

3. CONSIDERAÇÕES

Com a significativa colaboração do Centro de Estudos e Formação Permanente e por intermédio da Senhora Dr^a Gracinda Neves, podemos apresentar as Considerações julgadas mais importantes e que foram extraídas de algumas comunicações proferidas no Seminário, uma vez que ainda não foi possível redigir o texto definitivo das conclusões.

Devido à importância do seu conteúdo, transcrevemos na íntegra o documento recebido:

“CONSIDERAÇÕES

1) O aumento da população idosa, em números absolutos e relativos, é um fenómeno que atinge a totalidade do mundo industrializado e também já começa a atingir, em número crescente, os países não industrializados. Neste contexto, uma das grandes certezas é o facto de sabermos que estamos perante um processo de longa duração ainda longe de ter terminado a sua evolução.

Será irreversivelmente um processo em expansão nas próximas dezenas de anos.

Mas esta grande certeza é acompanhada de uma grande dúvida, a de sabermos se a “*esperança de vida*” evolui no mesmo sentido da “*esperança de saúde e de qualidade de vida*”...

Precisa-se de uma política global da idade que tenha a “vida como projecto ao longo de toda a vida”.

2) De entre os componentes interactivos no processo de envelhecimento, podemos identificar três: os factores de stress externo; a pessoa, com a sua estrutura única de personalidade, capacidade cognitiva, estilo de funcionamento inter-pessoal e as suas emoções; e os comportamentos reflexos destas interacções.

É possível envelhecer com qualidade. A qualidade diz respeito à forma como vivenciamos as situações, como somos capazes de aceitar que os acontecimentos fazem parte da nossa vida, independentemente de serem agradáveis ou desagradáveis, que tal como temos capacidade de conquistar e ganhar, também faz parte de nós o saber perder, não o saber perder desprovido de emoção; tal como a conquista origina sentimentos de alegria, a perda tem como consequência a tristeza mas ambos os acontecimentos devem ser elaborados como constituintes da nossa vida.

3) Vivemos numa época marcada por contínuas e rápidas mudanças, que desafiam valores convencionais, abalam anteriores convicções, afectam o funcionamento tradicional das instituições e comprometem o equilíbrio das próprias comunidades, marginalizando os que se encontram mais fragilizados. Mas, justamente porque a longevidade aumentou, facto em si mesmo positivo, o desafio que o envelhecimento desta feita coloca à sociedade assume dimensão bem mais complexa. Envelhecer tornou-se, hoje em dia, bastante penoso, numa sociedade que valoriza a produtividade, que privilegia a concorrência, que cultiva a aparência, que provoca o desligamento familiar.

As características multidimensionais do fenómeno do envelhecimento reclamam o incremento imperioso de redes articuladas entre os serviços de saúde, segurança social e redes comunitárias.

4) O “sage” é afinal o homem simples - ou que assim se tornou mercê da sua meditação - que sabe envelhecer. Isto é, o que compreende o valor relativo de tudo e aceita e vive cada minuto da sua vida. E tem tempo para isso. E se regozija com os outros quando estes estão contentes. E compartilha com eles os seus sofrimentos e os deles. E se não deixa cair. E avança porque sabe que o tempo de que dispõe já não é muito e é preciso aproveitá-lo. E, em vez de ficar triste, alegra-se porque vive e ainda pode estender a mão, quer a segurar outras, quer a ser segurada.

É preciso amar a VIDA. Em Novo. Em Adulto. Na Meia Idade. Na Velhice. Até que Ela se transforme, de acordo com o grande ciclo da existência. Não cruzar os braços! Olhar para a frente antes de olhar para trás!

A vida é preciosa demais para se desprezar.

5) Devemos olhar a MORTE nos olhos, sem te-

mor, sem fatalismos, pois só ela dá razão à razão de viver. O que nos calha em sorte é única e simplesmente viver o melhor possível e é aqui, a este nível, que por vezes emerge o drama, pois ao cumprirmo-nos em existência nem sempre o fazemos da forma mais gratificante, já que por vezes, moldados aos valores duma sociedade desumanizada, perdemos a oportunidade de nos descobirmos em absoluto e de descobirmos os outros em nós.

Vivamos, conseguindo metas de realização que não estão condicionadas pela idade cronológica que nos localiza num tempo. Esta idade marcada pelo relógio não corresponde, não deve corresponder às outras idades que nos expressam e que relevam da possibilidade de constante aperfeiçoamento.

6) Considerando o envelhecimento como um processo biológico, regular e multidimensional que provoca a limitação das possibilidades adaptativas do organismo, podemos, quando gostamos da vida, de nós e dos outros, atrazar a emergência das manifestações degenerativas correlacionadas com a idade e manter níveis de funcionalidade que nos permitam fruir a existência afastando para longe as sombras da senescência.

7) O processo natural de envelhecimento pode ser profundamente agravado pelo denominado envelhecimento patológico, provocado quer pela doença, quer pelo uso incorrecto do corpo (drogas, tabaco, álcool, alimentação desregrada, exercício físico anárquico, ausência de repouso, etc).

Ser saudável é uma condição “*sine qua non*” para retardar os efeitos negativos da velhice. Dois princípios de organização de vida são considerados como axiomáticos para evitar as várias escleroses conotadas com as idades avançadas: a necessidade de movimento e os cuidados dietéticos.”

4. PALAVRAS FINAIS: COMO ENVELHECER?

Permito-me divulgar uma “Proposta de Auto-Cuidado a Sete Tempos”, apresentada pelo *Centro de Estudos e Formação Permanente*:

- 4.1. Tempo para cuidar do corpo
- 4.2. Tempo para cultivar a mente
- 4.3. Tempo para se aceitar
- 4.4. Tempo para sentir o mundo
- 4.5. Tempo para construir
- 4.6. Tempo para se relacionar com as pessoas
- 4.7. Tempo para a transcendência.

Saber envelhecer suscita descoberta e constitui um permanente desafio!

O LIMITE

*Chamarei os velhos que foram
No bosque humano
Eu velho agora
novo para eles
No tronco antigo
de Neanderthal.
Faremos todos uma fogueira
Dos dentes deles às rosas novas
No meu quintal
Da Faculdade
Do Mundo ter idade
(Sem limite a idade, claro:
O Mundo não,
Que esse é finito na expansão).
- “É bom não pôr limites à Misericórdia divina”
Disse um Papa velhinho
A quem exígua prece
Votava uns anos mais
Como é próprio da Caixa de Descontos
Dos pequenos mortais.
Tudo deperce,
desaparece...
Nasci ainda no sorriso de Leão XIII:
Cá me vou, com os mais.*

*No bosque humano chamarei os velhos que foram
As rosas que são
vermelhas
alvas
azuis
amarelas
Dobradas rosas singelas
Minhas cordas de viola
alto rosal de som.
Chamarei os velhos que foram
Em lá sostenido
em si natural
A quem não quer chorar seu mal.
Chamarei os velhos que foram:
Envelhecer é tão afinal
Entre roseiras e fogueiras
(Talvez feriado nacional)
E então prefiro o mi bemol,
Eu novo eterno tomando sol
Com os velhinhos comigo a par.
Em dó sostenido, para não chorar*

18/7/1971 Vitorino Nemésio in “Limite de Idade”, (Estúdios Cor, Pag. 20)

CÂNTICO À JUVENTUDE

“A juventude não é um período da vida; a juventude é um estado de espírito, um efeito da vontade, uma qualidade da imaginação, uma intensidade emotiva, uma vitória do valor sobre a timidez, do gosto da aventura sobre o amor ao conforto.

Uma pessoa não se torna velha por ter vivido um certo número de anos; torna-se velha porque desertou dos ideais; os anos enrugam a pele; mas renunciar a um ideal enruga a alma.

As preocupações, as dúvidas, os temores e as desesperanças são os inimigos que, lentamente, nos fazem inclinar para a terra e converter-nos em pó antes da morte.

Jovem é aquele que se maravilha, aquele que se espanta, aquele que pergunta como um menino: e depois?... Jovem é o que desafia os acontecimentos e encontra alegria no jogo da vida; a experiência galvaniza-o, os fracassos tornam-no mais forte, as vitórias tornam-no melhor.

És tão jovem como a tua fé, tão velho como a tua dúvida - tão jovem como a confiança que tenhas em ti mesmo, tão velho como a tua desesperança e mais velho ainda com o teu abatimento.

Permanecerás jovem enquanto permaneceres verdadeiramente generoso, enquanto sentires o entusiasmo de dar alguma coisa de ti, pensamentos, palavras ou bem; enquanto o acto de dar te der a impressão de receber e, por conseguinte, de sempre estar devendo e desejar dar mais. Permanecerás jovem enquanto estiveres receptivo a tudo o que é belo, bom e grande, podendo disfrutar das mensagens da natureza, do homem e do infinito.

Se um dia, qualquer que seja a tua idade, o teu coração estiver mordido pelo pessimismo, torturado pelo egoísmo e roído pelo cinismo, que Deus tenha piedade da tua alma de velho.”

General Douglas Mearthur
(Tradução de M^a da Conceição Campos)

PARECE INCRÍVEL!...

por Gualter José Marques

Em Coimbra, no meu tempo, dizia-se ironicamente da cotação da Faculdade de Letras: - **“Letras são tretas”** -.

Um “episódio” que se passou comigo tem, sem dúvida, um sabor cómico e não só...

Corria o ano 1938.

Era eu um “João Semana” na Granja do Ulmeiro (Alfarelos) e Formoselha, e para dilatar a fé na “Ciência” e “Cultura”, matriculei-me como voluntário no Curso de Pedagógicas da Faculdade de Letras de Coimbra.

O professor era o belga M. Planchard.

Fui uma única vez às aulas, durante o Curso.

A meio do período fiz exame de frequência.

No tema versado meti tantos conhecimentos de Fisiologia, Fisiopatologia, Pediatria e Filosofia (sobretudo o que me restava do que aprendera no 6º e 7º ano do Liceu), que M. Planchard agrediu-me com a classificação de 17 valores!...

Fiquei aterrado!

Recorri ao meu amigo José Augusto S. Martins, que começara o Curso de Direito contrariado, para não dizer por imposição do pai, mas, como a paixão dele eram as Letras, matriculou-se também na Faculdade de Letras de Coimbra.

Resultado: no fim do ano lectivo, foi “gatado” em Direito, mas aprovado em Letras (com classificações modestas em relação às altas que posteriormente obteve na continuação do Curso).

Estava o Zé Martins, por esta razão, a repetir as cadeiras das Pedagógicas para elevar as “notas” e, consequentemente, a média geral da sua licenciatura.

Devorei as indispensáveis “Sebentas” das disciplinas do referido curso e li com muito agrado, e proveito, os apontamentos do meu grande amigo Zé Martins.

Mas estava longe de me sentir bem habilitado para corresponder à elevada responsabilidade dos 17 valores pois tinha sido a mais alta classificação!

O caso estava mesmo complicado...

Exame final! Data e hora marcada e lá estava eu a prestar provas.

O “bedel” da Faculdade de Letras chama por mim, tendo sido o primeiro a fazer o exame nesse dia.

Avancei e sentei-me naquela usual e incómoda cadeira dos alunos, num ambiente austero e de circunstância, frente a um júri que me iria apreciar e... julgar.

Primeira pergunta.

Estranhei o teor, mas fui dizendo “coisas e loisas”, que me pareceram estar relacionadas com o assunto.

Segunda e terceira perguntas, o mesmo.

À quarta pergunta, tomei fôlego, fiz uma pausa e entretanto M. Planchard perguntou-me qual “era a minha situação”.

Respondi-lhe: Licenciado em Medicina.

E lá fui alinhavando mais umas respostas.

Assim se passou aquele doloroso exame.

Com um alivante “estou satisfeito” do Prof. Planchard bati em retirada, não antes de ter feito respeitosa vénia ao Presidente do Júri, Professor Doutor Joaquim de Carvalho.

Escapuli-me a correr para apanhar o primeiro combóio, para regressar a Alfarelos e à minha vida profissional, felizmente já bastante sobrecarregada.

A classificação sabê-la-ia pelo Zé Martins.

O que se passou a seguir ao meu exame: avança um colega meu, aliás bom médico, mas bastante “marrão” por excelência, dos tais que tinham ido a todas as aulas das Pedagógicas e que possuíam os respectivos sumários das matérias versadas.

M. Planchard faz-lhe a primeira pergunta.

O “aluno” fica embaçado e diz-lhe: “mas esse assunto não foi tratado nas suas aulas”.

Segunda pergunta; resposta categórica: “Não vem nos seus sumários”.

O imbróglia rebenta.

Um diz que não, o outro diz que sim.

O Prof. Joaquim de Carvalho desperta da sua letargia de filósofo e pensador.

Investiga e termina por concluir que M. Planchard estivera a fazer perguntas sobre matéria de uma outra disciplina que não era das Pedagógicas.

Conclusão: mas o Dr. Gualter fez exame a “esta disciplina”.

Outra conclusão: ele veio só para fazer o Curso de Pedagogia e Didática.

Atitude assumida: chamem lá o Dr. Gualter.

Avança o meu amigo Zé Martins que informa que eu já tinha saído para tomar o combóio na Estação Nova (Coimbra B.) para regressar a Alfarelos.

Pobre Zé Martins, recebe o encargo de me contar o sucedido e que deveria voltar no dia seguinte para fazer o exame!

O Prof. Joaquim de Carvalho realçava o facto que M. Planchard regressava no dia seguinte (com a família) à Bélgica, até já tinha os bilhetes comprados. Um pormenor que era uma coacção!

Estava eu posto em sossego, sentado num “cômodo banco de suma pau” de 3ª classe do combóio, bem melhor que a tal cadeira de exame... e eis que surge correndo como um maratonista, suando as estopinhas pela olímpica testa engordurada e me diz: “tens de repetir o exame de Pedagogia e Didática amanhã de manhã!”

Por que razão?! perguntei eu estupefacto.

Explicou-me o sucedido.

Protestei iracundo, com a veia e as “rugos da frente que medita” bem evidenciadas.

Repetir o exame, não e não!...

O desgraçado do Zé Martins, cada vez mais angustiado por ter falhado a sua espinhosa missão, lá foi desbobinando até que o combóio apitou, o chefe da estação de Alfarelos abanou a bandeirinha e tocou o apito.

Na vigília da noite, que nem sempre é má conse-
lheira, mas neste caso foi sensata, acalmei. Capitulei.

Na manhã seguinte voltei a Coimbra, “calmo mas não seguro”, nem tranquilo e com o credo na boca.

A situação era embaraçosa: afinal tinha respon-
dido a perguntas de uma disciplina... que nem sabia o nome. *My God...*

Novo exame.

Delicadamente, o Professor Doutor Joaquim de Carvalho, por quem tinha a maior consideração e respeito, pois das figuras docentes da Universidade de Coimbra era um dos grandes e competentes lentes, com franca aceitação no meio estudantil do meu tempo, sentindo bem a situação que me criaram, desfez-se em desculpas pelas perturbações que me acarretara por estar dois dias ausente da minha ocupada missão de médico atarefado.

Foi metendo, no entanto, pelo meio, umas sibilinas apreciações à minha “boa cultura geral” e não deixou de perguntar se eu não estranhara as perguntas de M. Planchard.

Lá estranhar estranhei, respondi sinceramente. Mas lá fui respondendo como podia e que julguei apropriado, tanto mais que ele me perguntara “qual era a minha situação”!...

Julguei ser, por lhe ter respondido que era licenciado em Medicina, esta a razão dos temas abordados no exame.

Na verdade, procurei relacionar o que sabia de Pedagogia com a Medicina, Pediatria, Psicologia, Fisiologia, Patologia Geral etc. e uma dose q. b. de cultura geral!...

M. Planchard fez-me perguntas incisivas e outras bastante contundentes, o que me obrigou a puxar pelo bestunto... e pelo que tinha estudado.

Safêi-me o melhor que me foi possível.

Classificações finais: no primeiro exame da tal disciplina, 13 valores; no segundo exame, Pedagogia e Didática, 15 valores.

Isto se passou, como já disse, em 1938, e em que se dizia que a Universidade de Coimbra só tinha duas grandes Faculdades: a de Medicina e a de Direito. E daí saíam doutores de “curar e doutores de falação”!...

Dizer que Letras eram tretas é irreverência da Briosia Academia.

Em Coimbra houve sempre estudantes notáveis pela sua inteligência, cultura, irreverência, espírito brejeiro, tunantes, cábulas ou estudiosos para serem lentes, “ursos” ou consagrados “Joões Semanas”.

Desde sempre o estudante de Coimbra teve uma personalidade ímpar e tomamos como referência Luís de Camões.

O espírito Coimbrão existe e existirá por “*Sécula Seculorum*”.

Foi assim o meu incrível!



Sociedade Técnica de Tratamento de Aços e Betões, Lda.

Empresa especializada em:

- Regeneração de betões**
- Tratamentos anticorrosivos**
- Injecção de resinas de epoxy**
- Reparação e revestimentos de epoxy em pavimentos**
- Reparação de barragens**
- Reabilitação de fachadas de edifícios antigos**
- Projecção de betão**

Rua de Montezelo, 105, Monforte - Folgosa
Apartado 1243 - 4471 MAIA CODEX

Tel. (02) 968 04 01 (6 linhas)
Fax (02) 968 04 44

Alvarás n.ºs 21523 (EOP) / 21531 (ICC)

SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE...

••• Tendo como anjo da guarda e medianeira a nossa Colega Maria do Céu Dias dos Santos, o grande pintor **Chichorro** fez a preciosa oferta à nossa Associação de um quadro seu, que embeleza as paredes da nossa Sede. Bem-haja!

••• Mas a Maria do Céu, ela própria, ofereceu uma serigrafia do **Malangatana**. Deus lhe pague (que nós ficamos a dever...)!

••• Também o Colega do Porto, Dr. Araújo Correia, enriqueceu a nossa biblioteca com o livro "*Coimbra Minha*", de pitorescas histórias de Coimbra vividas e contadas por seu irmão, o Camilo de Araújo Correia, a quem muito agradecemos.

••• O nosso Sócio recém-falecido, António da Costa (marido da Manuela Alves da Costa), foi alvo de uma merecida homenagem prestada pelo Governo do Panamá (OLDEPESCA - Convénio ALA/90/9) na revista PRADAPESCA, de Dezembro de 1996 (de que dispomos), toda ela dedicada a exaltar o seu empenho e competência na resolução dos problemas da fome no mundo, como membro da FAO.

••• O nosso recém-associado Ernesto de Moura Coutinho brindou-nos com os 27 números do Boletim do Curso Jurídico de 1950 da Universidade de Coimbra, intitulado "*Os Faustos*", que merece ser lido e está à disposição na nossa biblioteca.

No último número registou

E ACREDITAS QUE...

••• O único **anúncio** publicado neste "Capa e Batina" foi enviado por um amigo de um Sócio??? (é que, pelos vistos, os nossos Sócios não têm actividades a anunciar...)

••• Estamos em pleno Abril e só ainda entraram nos nossos "cofres" um pouco mais de metade das **quotas** de 1997??? (e há cerca de 100 para pagar relativas a anos anteriores).

"FESTA COIMBRÃ EM LISBOA"

A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra festejou o seu quinto aniversário, no passado dia 8 de Março, nas instalações do Instituto dos Altos Estudos Militares, que são óptimas.

Um almoço com mais de cem convivas, uma palestra do José Carlos de Vasconcelos, sobre a Comunidade de Países de Língua Portuguesa e um sarau com fados e guitarradas, encerrando-se a reunião com um lunch ajantarado.

Do nosso tempo de Coimbra apenas reconheci o João Menano, da República do Rás-te-Parta, o Arménio Cardo, o Costa Neves e o Alexandre Herculano. Não estiveram presentes o Almeida Santos, o Roberto Valente e o Fernando Pardal, que me dizem ser habituais.

A respeito da palestra do José Carlos de Vasconcelos, o Sobral Torres, que foi também do Rás-te-Parta, caracterizou a sonhada Comunidade como aquilo que... faz que anda mas não anda.

Ernesto de Moura Carvalho"

Venham os futuros! (nunca as mãos lhe doam...)

••• Vai ser lançado no próximo dia 8 de Maio, pelas 19h, no Palácio Galveias (ao Campo Pequeno) o livro "*O Espírito da Raiz*", da autoria do nosso Colega Carlos Carranca - Estás convidado!

••• Se quiseres podes inscrever-te, a título individual, na **Associação Académica de Coimbra**, como **sócio extraordinário**.

PRÓXIMAS ACTIVIDADES

1. JANTAR DE MAIO - dia 9, às 20h

Conforme já anunciado, vai realizar-se, excepcionalmente, no Restaurante "A Valenciana", com a participação do Tito Mackay à viola e do Alexandre Bateiras à guitarra.

Preço: 2.750\$00 - sócio + 1

Não sócio - 3.000\$00

Inscrições: Por telefone, para a sede (849 45 65), até às 17h do dia 8.

2. TERTÚLIA ACADÉMICA - dia 23 de Maio às 21.30h, na Casa do Pessoal da E.D.P. - Av. Casal Ribeiro, nº 50 - A (ao Saldanha) - porque o nosso prédio continua em obras-com um programa grátis:

- Pequena dissertação sobre o livro do nosso Colega Carlos Couceiro "*Fábulas do Tempo Presente e do Tempo Futuro*" pelo Colega Carlos Carranca;
- Leitura de algumas dessas Fábulas pelos Colegas Ilda Pedroso, Carlos Carranca e Fernando Paula;
- Música de Carlos Paredes, à guitarra pelo João Pedro Alvarez e à viola pelo Durval Moreirinhas;
- Serenata pelo "*Grupo Porta - Férrea*".

Será desta vez que os nossos Colegas contribuem para a divulgação do Capa e Batina, enviando os selos do porte?!

Para já, **públicos agradecimentos** aos generosos Colegas que já os mandaram!!!

E quando teremos todas as quotas em dia?